

QUANDO A LEITURA PUNGE

Maximiano Martins de Meireles¹

Este texto, na forma de um ensaio, decorre das minhas reflexões para a construção da tese de doutorado cujo objeto de estudo diz respeito às experiências sensíveis de leitura. As experiências sensíveis de leitura são acontecimentos, vivências, fragmentos, pontos - que marcam, afetam e constituem o sujeito na sua relação com o texto.

O ato de pensar/ler é aqui abordado a partir da perspectiva do *saber-sensível*, no sentido de ruptura com modelo de *saber-razão* instituído pela ciência moderna, cujos pressupostos apartam a mente do corpo, o sujeito do conhecimento, a subjetividade da objetividade. Nesse movimento de ruptura, entende-se que “produzir sentido, interpretar a significância, não é uma atividade puramente cognitiva, ou mesmo intelectual ou cerebral, é o corpo, esse laço de nossas sensibilidades, que significa, que interpreta” (DUARTE, 2000, p. 136). Do mesmo modo, o pensar não significa apenas raciocinar, calcular ou argumentar, mas dar sentidos ao que somos, ao que nos acontece (LARROSA, 2002).

Interessa-me pensar a constituição leitora como um processo que envolve sentidos, memórias, acontecimentos e afetos, demarcando trânsitos e deslocamentos entre o texto lido e o contexto do sujeito, entre a experiência provocada pelo texto e a própria experiência do *leitor-professor*. Neste percurso, algumas perguntas emergem: na contemporaneidade, qual o lugar da experiência, da subjetividade, do estético, do devaneio? No cenário contemporâneo, marcado pelo excesso da informação e da opinião, do pragmatismo, da falta de tempo, do excesso de trabalho, que experiências sensíveis de leitura são possíveis? Como a leitura se articula à vida e à existência?

A leitura – leia-se a constituição do leitor – é entendida para além de um ato racional, meramente cognitivo, ou de apropriação teórica e conceitual; para além de um modo de vida contemporâneo – prático e utilitarista - que dá visibilidade à informação. A perspectiva é ampliar a noção de leitura centrada num processo lógico-formal de compreensão e interpretação, para dar vazão ao percurso subjetivo e singular do leitor, pela via do saber, da narrativa, da sensibilidade.

A leitura enquanto experiência está para além da noção de aquisição, de informação ou de acumulação. Está para além da perspectiva de um exercício cultural ou pedagógico, ou do ócio. Centra-se na subjetividade do leitor: o leitor está aberto em sua relação com o texto, vai ao encontro do texto, deixa se afetar, transformar-se. No ato de ler, a vida se inscreve: ou seja, o leitor põe em jogo processos autobiográficos que contribuem para significar o próprio texto ou mesmo ressignificar o vivido.

Na leitura como experiência de formação deixamo-nos afectar (afectos) pela vivência que o texto nos *dá* através da sua abertura: trazemos para a nossa vida uma alteridade que nos interpela, transformando-nos em escritores e leitores na nossa existência; (re)escrevendo a vida (autobiografando-nos), fazendo obra mediante fracturas e transgressão dos modelos imobilizantes no interior dos quais quotidianamente vivemos. Transformando-se pela leitura, os sujeitos abrem-se à transformação do mundo, à sua própria configuração estética (CARLOS, 2009, p. 150).

¹ Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: maxymuus@hotmail.com.

A leitura seria, nesse contexto, um meio, uma possibilidade formativa para o sujeito pensar e sentir por si mesmo, de maneira mais singular e autoral; ou ainda como espaço de formação e transformação das sensibilidades, um encontro consigo mesmo, com a alteridade que o constitui (LARROSA, 2011). O sensível na formação leitora pode se caracterizar, nesse contexto, como uma forma de resistência ao excesso de informação e contra o desperdício da experiência que constituiu a modernidade.

Cabe ressaltar que a leitura enquanto experiência sensível não se dá em todas as formas e atos de ler, até porque a leitura consiste numa atividade com várias facetas - leitura como decodificação; prática social; ação política do homem sobre o mundo; forma de gestualidade; forma de sabedoria; método; atividade prazerosa; refúgio; atividade densa de sentidos; leitura como experiência (CARLOS, 2009). É, portanto, complexa, plural e se desenvolve em várias direções (MANCINI, 2013). Sendo assim, as experiências sensíveis de leitura não configuram todo o processo de formação do leitor, mas é parte constitutiva da sua subjetividade leitora, potencializadora do devaneio, do pensamento autoral, da sensibilidade.

A perspectiva de investigar como o sensível constitui e afeta o *leitor-professor* remete ao *Elogio da Razão Sensível* (MAFFESOLI, 1998) no sentido de um paradigma de ciência que agrega a sensibilidade, o cotidiano, a narrativa, a metáfora e o imaginário. O leitor, numa relação mais livre, mais sensível e subjetivamente implicado com o texto, pode encontrar possibilidades de *voar fora da asa*: ou seja, de escapar ao enclausuramento das fórmulas prontas. Isso seria, no dizer de Maffesoli (1998, p. 29), “um pensamento que permite entrever a emoção, o sofrimento, o cômico, que é o próprio de uma vida que não se reconhece no esquema, preestabelecido, de um racionalismo de encomenda.”

Isso remete à perspectiva do estético: um olhar poético que permite transver a realidade, ou seja, redescobrir e construir novas visões e versões das coisas (JAUSS, 1994). Desse modo, as coisas são reinterpretadas através da experiência estética e nomeadas em outras palavras, palavras criadoras, poéticas. Este olhar estético e poético produz estranhamentos, abre brechas por onde emergem sentidos múltiplos e inventivos sobre a realidade (RODRIGUEZ, 2012) e, no caso, sobre o próprio texto lido. O leitor, nesse contexto, implica-se cada vez mais no texto, dada a influência que o texto exerce sobre ele, produzindo fissuras e potencializando a experiência estética (CORDEIRO, 2003). Assim, a leitura se mostra como experiência da singularidade e da pluralidade, como abertura ao desconhecido, ao acontecimento estético da existência (LARROSA, 2011), processo nem sempre possível de racionalizar, ou seja, de deixar de fora emoções, memórias e devaneios.

O devaneio, na perspectiva de Bachelard (2009), seria esse gesto de voar fora do real, de sair da rotineira noção de tempo e realidade, de suspender as certezas e de se deslocar para outras dimensões afetivas, temporais e imaginárias. Esses movimentos podem potencializar o aprofundamento da própria existência, no modo como a leitura repercute na constituição do sujeito e nas ressonâncias que produz na reinvenção de si e da realidade.

O devaneio seria essa possibilidade de poetizar a vida, de ganhar a doçura do viver. Doçura, lentidão, paz, usando as próprias palavras de Bachelard (2009). O livro, ou a leitura literária, por exemplo, nos permite uma multiplicidade de viagens, ajuda-nos a habitar o mundo, o mundo da felicidade, do sonho. Mas não só isso: insere-nos na estética da angústia, pois ao ler um romance, por vezes, a gente sofre, espera, compadece. Um sujeito cindido pelo que lê, pelo que sente. Um leitor sensível (BACHELARD, 2009).

Em a Câmara Clara, Barthes (2012) mostra que sua relação com o texto, neste caso a fotografia, é marcada por uma pulsão de sentimentos, uma experiência sensível no meu ver: pequenos júbilos, desejo, nostalgia, luto, repulsa, aversão, irritação. Sua perspectiva de análise da Fotografia se dá nesse sentido: “eu só me interessava pela Fotografia por ‘sentimento’; eu

queria aprofundá-la não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (BARTHES, 2012, p. 28).

Assim, se a fotografia o interessa porque lhe provoca um sentimento, uma aventura, uma animação, por exemplo, ele se deixa atrair, olha em posição de existência. A força do afeto: quando a fotografia funda a copresença de elementos descontínuos, heterogêneos, o que provoca vastidão, emoção, ferida. Para além do *studium*, o *punctum*. Sobre isso, o autor relata:

É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*), que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações. O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez não sou eu quem vou buscá-lo [...] é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida. Essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à ideia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mesmo mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas, são precisamente pontos. Esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere) (BARTHES, 2012, p. 31).

Numa transposição ao objeto de estudo desta tese, parece-me apropriado o seguinte argumento: na sociedade marcada por uma concepção moderna, um pensamento racional, a formação do leitor, ou seja, a relação que sujeito estabelece com o ato de ler, está centrada, na maioria das vezes, no *studium*: o estudo, o conteúdo, a informação do texto. Há, portanto, pouca atenção ao *punctum*, ao detalhe, aquilo que punge.

A leitura na perspectiva do *punctum*, termo que tomo emprestado de Barthes (2012), seria essa experiência sensível: quando um detalhe do texto se faz atravessamento, quando um ponto me atrai, abre uma ferida, dilacera, pulsa-dor. Quando há uma entrega. Ou ainda: um detalhe conquista toda a leitura, há interesse, fulguração, espanto.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- CARLOS, Elter Manuel. **Palavramundo**: a leitura como experiência de formação. Dissertação de Mestrado em Filosofia da Educação, Faculdade do Porto, 2009.
- CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. **Itinerários de leitura**: o processo recepional de Memórias póstumas de Brás Cubas. Porto Alegre: PUC, 2003. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: e educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2000.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad.: João Wanderley Geraldi. In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: Anped, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MANCINI, Flávia Griep. **O valor simbólico da leitura**: cartas auto-biográficas de leitores professores. Tese de Doutorado, Pelotas, 2013.

RODRIGUEZ, Julio Romero. O olhar estético e a ação poética para o redescobrimto da subjetividade criadora dos professores. **EntreVer**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 251-263, jul./dez. 2012.